

**MEDICALIZAÇÃO E PATOLOGIZAÇÃO DA VIDA: COMO PENSAR A SAÚDE MENTAL NA ATUALIDADE**

Aparecida Bueno Fernandes

Psicóloga. Neuropsicóloga. Mestranda em Ciências da Saúde. E-mail: aparecida.fernandes@aparecidaneuropsicologia.com

Introdução: O processo de medicalização e patologização da vida, tem sua origem na busca do ser humano por alívio “imediate” de dores e sintomas que muitas vezes tem sua base em aspectos para além de questões orgânicas. No decorrer da história humana, nossas paixões e comportamentos, sobretudo quando aconteciam de forma controversa e desmedida, tiveram tratamentos diferentes a depender do contexto, de como eram percebidas e entendidas pelos demais. Atualmente, a busca por alívio dos sintomas, leva cada vez mais as pessoas a atrelarem seu “bem-estar” a um medicamento. E com isso, tanto profissionais quanto pacientes/clientes tendem a racionalizar, diagnosticar de modo parcial sem olhar o ser humano como um ser biopsicossocial. Objetivo: Provocar a reflexão acerca do processo de medicalização e patologização da vida nos manejos em saúde mental. Material e Método: Trata-se de uma revisão simples e não sistemática da literatura com o objetivo de levantar informações a respeito do tema: medicalização e patologização da vida e saúde mental. A base de dados utilizada foram Revistas Eletrônicas de Psicologia, com publicações entre 2018 e 2022. Além de consulta aos materiais eletrônicos disponíveis pela Organização Mundial de Saúde. Resultados e Discussão: O que é a medicalização e a patologização da vida? É um processo que transforma de forma artificial as questões não médicas em problemas médicos. São problemas de diferentes ordens que são apresentados como doenças, transtornos e distúrbios psiquiátricos que escondem as grandes questões econômicas, políticas, sociais, culturais e emocionais - que atingem a vida das pessoas. É colocar comportamentos muitas vezes comuns na esfera de transtornos mentais. No decorrer da história humana, nossas paixões e comportamentos, sobretudo quando aconteciam de forma controversa e desmedida, tiveram tratamentos diferentes a depender do contexto, de como eram percebidas e entendidas pelos demais. Durante um longo período de tempo, os manicômios - reprodutores de uma lógica que fragmentava a experiência humana e fomentava patologias e desigualdades - existiram como primeira alternativa de tratamento em saúde mental em diversos países do mundo. De acordo com Foucault (1972), em sua origem durante a era moderna, os manicômios - ora obras de religião, ora obras de ordem pública - passaram a existir como formas de vigiar e punir os considerados “loucos” perante a sociedade. Atualmente, falar de medicalização e patologização da vida, não é negar a existência das patologias e o benefício dos tratamentos medicamentosos, mas é enxergar que existe causas que vão além do que é orgânico. A Saúde Mental é composta por diversos fatores: políticos, culturais, emocionais, orgânicos, econômicos e sociais. Por exemplo, uma pessoa que sofre com ansiedade e compulsão alimentar, muitas vezes irá procurar formas de aliviar o sintoma mais evidente - a compulsão - irá recorrer a dietas, medicamentos para inibir apetite, etc., mas não tratará a causa, que é o pano de fundo principal. Em 2019, quase um bilhão de pessoas - incluindo 14% dos adolescentes do mundo - viviam com um transtorno mental. O suicídio foi responsável por mais de uma em cada 100 mortes e 58% dos suicídios ocorreram antes dos 50 anos de idade. Os transtornos mentais são a principal causa de incapacidade, causando um em cada seis anos vividos com incapacidade. Pessoas com condições graves de saúde mental morrem em média 10 a 20 anos mais cedo do que a população em geral, principalmente devido a doenças físicas evitáveis. Pensar no indivíduo em sua totalidade, trazer a razão os diversos aspectos que podem estar atrelados a um diagnóstico, seja ele psiquiátrico ou não. É fundamental este olhar, a fim de acolher, tratar e direcionar a intervenção deste paciente de modo assertivo e integral. Conclusão: Quando falamos de saúde mental, devemos pensar no indivíduo além do sintoma ou do transtorno apresentado. Pensar em estratégias de intervenção, muitas vezes está atrelado a um olhar social de necessidades básicas, de conhecimento cultural, de investigação familiar e todos os principais aspectos que compõem o paciente. Alinhar condutas com base nessa integralidade é garantir que não se medicalize ou patologize situações de saúde que estão para além de aspectos somente orgânicos ou emocionais.

Palavras-chave: Medicalização; Saúde Mental; Reflexão.